

MESQUITA: ENTRE A ARTE E O DIVINO

HENRY ALBERT YUKIO NAKASHIMA*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a relação das artes com as mesquitas. Inicia-se com uma apresentação sobre a herança da arquitetura e alguns costumes árabes no Brasil, trazidos pelos portugueses – alguns presentes até hoje; aborda-se a concepção de arte para o Islã, além de traçar um histórico da mesquita, considerando aspectos culturais e sua importância dentro do islamismo. Por fim, reserva-se espaço para um pequeno histórico da Mesquita Brasil, a primeira a ser construída na América Latina, inaugurada com dimensões reduzidas em 1929, na Rua da Mooca, e presente desde 1956 em seu atual endereço, na Avenida do Estado, na cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Islamismo; Mesquita; Arte; Religiões.

Abstract: Mosque: between the art and the divine. This article has the goal to analyze the relationship between art and mosques. It begins with a presentation on the heritage of architecture and some Arabian practices in Brazil brought by the Portuguese conquerors, some of them still present today. The article addresses the concept of art in Islam and also traces a historical view about the mosque, considering its cultural aspects and its importance within Islam. Finally, the article pays attention, in summarized terms, to the “Mosque Brazil”, the first mosque built in Latin America, opened in 1929

* Mestrando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bolsista CNPq. E-mail: <exohenry@gmail.com>.

with reduced dimensions, located in its beginning at Mooca Street and since 1956 to the present with its location at State Avenue, in the city of São Paulo.

Key-words: *Islamism; Mosque; Art; Religions.*

Arabescos

São Paulo é uma das maiores cidades do mundo. Nela, pessoas de todas as partes do planeta – e do próprio Brasil – se encontram e, não raramente, encontram um lar. Ao caminhar por suas ruas os pedestres podem se deparar com monumentos, esculturas e arquiteturas das mais variadas. Grandes prédios espelhados, característica das grandes megalópoles, contrastam com a paisagem paulistana e suas estruturas que remetem à *Belle Époque*; o que um dia almejou ser uma representação de um mundo longínquo e sofisticado.¹ À maioria, tão centrada em seu cotidiano, esse cenário não é mais do que parte de suas idas e vindas diárias; a história e as transformações urbanas se perdem ante o ímpeto do progresso. Porém, ao observador mais atento, é possível identificar características que marcaram uma época, ou mesmo culturas que fizeram da cidade seu lar. Mas tanto ao observador atento, como para o que caminha inerte, não passa despercebida a figura da mesquita.

¹ A “Bela Época” é um período característico das décadas finais do século XIX e início do século XX, cujas transformações no modo de viver influenciaram a intelectualidade, a cultura, a arte, a literatura, entre outros campos. Foi um período de efervescência tecnológica, no qual surgiu o cinema, o automóvel e o avião. No Brasil, a *Belle Époque* exerceu grande influência nas manifestações artísticas, arquitetônicas, assim como no modo de viver.

No entanto, a mesquita não é a primeira – ou única – arquitetura que remete aos árabes.² As cidades brasileiras tem em seu histórico estreita relação com o conhecimento advindo da Península arábica. Lembremos do longo período de permanência moura³ em terras portuguesas e espanholas. Esse duradouro contato deixou profundas marcas nos costumes lusitanos que, conseqüentemente, chegaram às terras brasileiras. É notável

[...] um maior uso do azulejo. [...] o relevo que tomou o azulejo na arquitetura de sobrado e de igreja do Brasil. Em Portugal, o azulejo era empregado largamente, e daí é que primeiro se comunicou ao Brasil. Influência dos mouros, através dos portugueses. Para o comandante do navio francês *La Vénus*, foi o traço que mais sentiu nas cidades do Brasil, a começar pelo tipo de arquitetura – o traço dos mouros – surpreendido também, com olhos de técnico, por outro francês que esteve no nosso país na primeira metade do século XIX: o engenheiro Vauthier. Aos mouros se deve atribuir o gosto pelas fontes, tão comuns em jardins e nos pátios dos sobrados do Recife, pelos chafarizes e pelas bicas onde a pequena burguesia de Salvador ia de noite refrescar-se, tomar banho, lavar os pés.⁴

² Neste caso, a utilização do termo “árabe” é devido à sua influência. Surgido em terras árabes, o islamismo está inserido na cultura local. Cabe destacar, no entanto, que, apesar de o texto tratar de muçulmanos e fazer referência à arquitetura árabe, nem todo árabe é muçulmano, assim como nem todo muçulmano é árabe. O fato de nascer árabe, ou mesmo em uma família muçulmana, não faz do indivíduo um muçulmano. Para tanto, o indivíduo deve aceitar as palavras do Alcorão e viver de acordo com seus fundamentos, regras e leis. O Brasil e a Indonésia são dois bons exemplos de como um muçulmano não precisa ser árabe. No país sul-americano, o islamismo cresce vertiginosamente entre as comunidades pobres; no asiático, encontra-se a maior concentração muçulmana fora do Oriente Médio. O árabe, por sua vez, é todo indivíduo nascido em algum país do Oriente Médio, situado na grande península entre o mar Vermelho e o golfo Pérsico, cuja prática religiosa pode ser outra, como a cristã maronita, por exemplo, que chegou ao Brasil com imigrantes libaneses na virada do século XX, antes dos imigrantes muçulmanos. Portanto, o islamismo – e a arte islâmica – é uma vertente árabe de se interpretar o mundo.

³ Forma de se referir aos berberes, muçulmanos do norte africano.

⁴ FREYRE, Gilberto. *Sobrados & mucambos*. 16. ed. São Paulo: Global, 2006, p. 312.

Longe de se limitar a ornamentos, podem-se encontrar traços dessa herança em cidades inteiras. A

[...] planta da cidade de Lisboa na época mourisca, que persistiu como tal durante vários séculos posteriores à reconquista cristã, buscamos pistas que nos remetessem a possíveis rebatimentos culturais que tenham determinado a feição urbana da cidade de Salvador à época de sua fundação. Cidade pretensamente ordenada, Salvador foi construída de acordo com as características das cidades medievais portuguesas colocadas a cavaleiro de escarpas e amarulhadas. À semelhança de Lisboa, a Medina Achbuna dos sarracenos, com sua chapada ou cume coroado pela Alcáçova, recinto murado onde se instalava o castelo, a mesquita e a residência real muçulmana.⁵

Se a princípio havia o convívio com alguns elementos introduzidos pelos portugueses, estruturas urbanas, características arquitetônicas, itens de decoração, requinte e beleza, tempos depois, já no século XX, com o crescente número de imigrantes sírio-libaneses, o islamismo passou a chegar mais consistentemente e ter maior representatividade, de forma que a cultura árabe pôde se desenvolver na cidade sendo mais do que apenas influência cultural, mas apropriando-se dos espaços urbanos, passando a ser parte da

⁵ MAGALDI, Cássia Regina Carvalho de. *Condicionantes culturais árabes na Salvador dos séculos XVII e XVIII*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), São Paulo, 1996, p. 21.

sociedade. Com o crescente número de muçulmanos, surgiu a necessidade de erguerem locais onde pudessem se encontrar e praticar sua fé: as mesquitas.⁶

Para entender a relação das mesquitas e a arte há de se ter, porém, uma compreensão mínima do que significam e representam as manifestações artísticas para o muçulmano, de modo que aquelas presentes na mesquita não sejam confundidas, ou mesmo associadas à fé, já que a idolatria⁷ vai contra os preceitos revelados a Mohammad.⁸

Arte islâmica

O primeiro equívoco em relação não só à arte, mas a todo mundo muçulmano, é partir da ideia de que há uma homogeneidade cultural que define a existência de todo fiel. Nada mais errôneo. É certo que, independentemente do país onde o islamismo se instale, além dos cinco pilares, há uma série de normas que regerão a vida

⁶ “A mesquita é um lugar absolutamente social, diferente do que a gente imagina que seja, um lugar só de reza, e não é. A mesquita é aberta sempre, não é como a nossa igreja, que é um monumento especificamente religioso, abre em alguns momentos quando tem reza e missa. Lá o pessoal senta no centro da mesquita, pode falar, dialogar, tem crianças correndo para lá e para cá.” HARTMANN, Arturo. Para arquiteto, influência árabe na renascença não é reconhecida. Entrevista com o arquiteto Andrea Piccini. *Instituto da Cultura Árabe*. São Paulo, ago. 2005. Disponível em: <<http://icarabe.org.br/entrevistas/para-arquiteto-influencia-arabe-na-renascenca-nao-e-reconhecida>>. Acesso em: 30 nov. 2010.

⁷ A utilização do termo idolatria vai ao encontro da utilização dos próprios muçulmanos. Entende-se que, idolatria é como uma religião se refere à outra que julga ser errada ou falsa. No caso do islamismo, refere-se ao culto de imagens, algo terminantemente proibido.

⁸ Mohammad, chamado no Brasil de Maomé, é o Profeta da religião muçulmana. A ele, durante mais de vinte anos, Deus (Allah) revelou as palavras que compõe o Alcorão.

cotidiana,⁹ contudo, as similaridades terminam aí.¹⁰ “A semelhança mais óbvia é a filiação religiosa; mas esta é, pelo menos em termos culturais, a mais óbvia dessemelhança.”¹¹ A riqueza da arte islâmica provém justamente das diversas formas de se cumprir as leis de Deus.

A arte islâmica (ou muçulmana), isto é, que aderiu ao Islão, teve início com a dinastia dos Omeiades (661-750), quando nasceram a mesquita, o arco em ferradura e o minarete e, na decoração, se espalha o uso do mosaico. Com os Abássidas (750-1258), dá-se o encontro com a arte do império sassânida: arcos trabalhados, essencialidade e estilização das ornamentações. Surgem o *iwan*, os mausoléus e o *muqarnas* e a cerâmica conhece um grande impulso. Em Espanha e no Magreb (Norte da África) os primeiros a subir no poder são os Omeiades, que prosseguem aqui o seu estilo; a partir do século XII, sob os Almorávides e os Almóadas, inicia-se e desenvolve-se o estilo mourisco. A dinastia turca dos Seldjúcidas, no Irão e na Anatólia, e dos Mamelucos, no Egito, estabeleceram um contacto mais estreito com a arte da estepe, estabelecendo um rumo estético próprio. Na Pérsia e na Índia, com os Mongóis, encontra-se um largo emprego do *iwan* monumental; é dado um grande impulso à miniatura, que atinge o auge durante a dinastia persa dos Safávidas, a par com a da tapeçaria. Sob o império otomano, finalmente verifica-se uma síntese de todas as experiências arquitectônicas.¹²

⁹ “Complementando as revelações do Alcorão, está o Livro de Ditos e Práticas do Profeta (*Sunnah*) como importante fonte de orientação no que se referem os direitos e deveres do muçulmano.” NAKASHIMA, Henry Albert Yukio. Tassamuh – O islamismo em São Paulo na segunda metade do século XX. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, ano III, n. 7, maio 2010. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>>. Acesso em: 10 nov. 2010, p. 273.

¹⁰ Os cinco pilares são: 1º) Não há Deus senão Allah, e Mohammad é seu profeta; 2º) Cumprir com as orações diárias; 3º) Pagar o *zacam*, um tributo aos mais pobres; 4º) Jejuar no Ramadã, no nono mês do calendário lunar, período que foi revelado o Alcorão; e, 5º) Peregrinar a Makka (Meca).

¹¹ GEERTZ, Clifford. *Observando o Islã*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 18.

¹² MANDEL, Gabriele. *Como reconhecer a arte islâmica*. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 3.

Nota-se assim que o desenvolvimento da arte islâmica está relacionado diretamente com sua expansão territorial. Tendo chegado a locais extremamente distintos, como o Marrocos e a Indonésia, o islamismo encontrou diferentes culturas que, de acordo com seu modo de viver, influenciaram a arte islâmica. Nessa vasta expansão territorial, deparou-se com povos sedentários, populações estabelecidas, com arquitetura desenvolvida; e com povos nômades, conhecedores da arte aplicada, como tapetes e outros utensílios do cotidiano.

Amálgama de tradições mediadas por preceitos advindos da revelação corânica, a arte islâmica não se restringe a objetos diretamente vinculados a questões religiosas; transita entre o espaço do cotidiano e do sagrado.¹³

Conforme esses novos conhecimentos eram apreendidos, a arte islâmica se desenvolvia e os moldava de forma a não contrariar as recomendações do Profeta, legando ao mundo magníficas construções arquitetônicas, uma rica arte em metais e pedras preciosas, além dos famosos tapetes.

De acordo com a afirmação fundamental do Islam – ‘não há divindade senão Deus’ (*lá ilaha ill-Alláh*) –, todas as coisas reúnem sob a abóboda infinita da Unidade Suprema pela distinção dos diferentes planos de realidade: uma vez que o finito seja reconhecido como tal, não poderá mais ser considerado ‘separado’ do Infinito e, por esta mesma razão, o finito será reintegrado ao Infinito.¹⁴

¹³ BIBLIOTECA E CENTRO DE PESQUISA AMÉRICA DO SUL-PAÍSES ÁRABES. *Islã: Arte e Civilização*. Exposição em cartaz entre os dias 18 de janeiro e 27 de março de 2011. Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, SP. 2011. 1 folder. Apoio Banco do Brasil.

¹⁴ BURCKHARDT, Titus. *A arte sagrada no oriente e no ocidente*. São Paulo: Attar, 2004, p. 163.

O erro está em atribuir uma natureza do absoluto a uma manifestação relativa, que tem na imaginação, na ilusão – o que chamam de *alwahn* –, sua origem.

Portanto, o muçulmano vê, na arte figurativa, uma manifestação flagrante e contagiosa desse erro, no qual a imagem projeta uma ordem de realidade em outra. O único antídoto para essa ‘projeção’ é a sabedoria (*hikmah*), que situa cada coisa em seu devido lugar. Aplicada à arte, isto significa que toda criação artística deve ser tratada de acordo com as leis de seu próprio âmbito de existência, e deve, assim, tornar inteligíveis essas leis. A arquitetura, por exemplo, deve manifestar o equilíbrio estático e o estado perfeito dos corpos imóveis, que se exprime na forma regular do cristal.¹⁵

O não muçulmano pode relutar para compreender a resistência islâmica em aderir às imagens em suas manifestações artísticas, já que, de forma geral, representar o próprio ser humano, ou mesmo uma divindade, não é raro na história do mundo, e mesmo o Alcorão não determina a proibição desse tipo de reprodução. Essa ausência se dá a fim de evitar uma relação idólatra entre a arte e a fé, tão rotineira em outras religiões, mas que no islamismo não existe, pois não há intermédio entre o homem e Deus. O “islamismo não tem simbologia, não tem ídolos, santos, ou alguma coisa assim, que faz figura.”¹⁶ Essa concepção artística ficou assim caracterizada, pois, apesar

[...] de não existir no Corão [...] uma proibição explícita quanto ao uso da representação dos seres vivos, na prática prevaleceu uma postura pouco favorável a este tipo de decoração religiosa

¹⁵ BURCKHARDT, op. cit., 2004.

¹⁶ Relato concedido por Hosney Mahmoud Mohamed, relações públicas da Mesquita Brasil, em entrevista realizada pelo autor na própria mesquita em 21 fev. 2011.

tão comum em todo Mediterrâneo, no Irã, na Índia e no interior da Ásia. A impossibilidade de captar a fé com imagens, a concepção de que não existem mediadores entre o ser humano e o Sobrenatural e o temor de, com a representação, desafiar a Criação divina, são critérios que inibem um tipo de arte enquanto favorecem outros. Porém, o contexto proibitivo com relação às imagens não foi um consenso: o Islã conta entre suas manifestações artísticas com as iluminuras que ilustram diversos episódios da história e da literatura da época e que foram muito populares em algumas regiões.¹⁷

Nesse contexto, a caligrafia é amplamente beneficiada, desenvolvendo-se a ponto de ser considerada uma arte. A escrita, da direita para a esquerda, traz em sua característica de sinuosidade uma propensão artística. Mais do que uma forma de comunicação, por

[...] veicular a mensagem religiosa e satisfazer necessidades estéticas, os diversos estilos caligráficos podem ser aplicados na decoração de edificações assim como em objetos de uso cotidiano. A estilização das formas da natureza, aliada à busca da perfeição como modo de se aproximar de Deus, conduz à elaboração de padrões geométricos abstratos que se tornam elementos recorrentes na ornamentação.¹⁸

À medida que o conhecimento se expande, a possibilidade de se livrar dos grilhões do preconceito se eleva. Conhecer minimamente a arte islâmica permite compreender melhor a relação que o muçulmano tem com o mundo, e como ele se utiliza da arte em nome de sua própria fé, sem ferir, é claro, suas leis. Há implicitamente, também, a necessidade de uma abertura para uma maior

¹⁷ BIBLIOTECA E CENTRO DE PESQUISA AMÉRICA DO SUL-PAÍSES ÁRABES. *Islã: Arte e Civilização*, op. cit., 2011.

¹⁸ *Ibidem*.

compreensão de fé islâmica. A visão – e interpretação – etnocêntrica e orientalista deve ser superada para evitar que toda complexidade da arte islâmica não seja limitada a uma única e estereotipada manifestação artística, ou simplesmente, algo decorrente de uma fé cega em nome de seu Deus único.

A Mesquita

Superar os receios oriundos do preconceito é uma tarefa a ser cumprida diariamente. É natural, no entanto, que haja algum tipo de choque mental quando um cidadão se depara com uma mesquita em uma cidade como São Paulo. Distante da habitual arquitetura ocidental, seus característicos arcos, sua abóboda, entre outras características tão peculiares, destacam-se na paisagem urbana e despertam a curiosidade sobre suas formas e sobre o que se encontra em seu interior. Muito além de uma construção, é preciso “compreender também [...] os conceitos específicos das relações entre Deus, o homem e a arquitetura que ela incorpora, uma vez que foram eles que governaram a sua criação.”¹⁹

De forma geral, as religiões necessitam de uma estrutura, um templo – que, tão logo seja aceita, passa a ser sagrada – a fim de concentrar o simbolismo, as significações de sua fé, e pregar seus ensinamentos. Para citar somente as três maiores religiões do mundo,

¹⁹ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 37.

o cristianismo, em suas mais diversas manifestações, ergue igrejas para apregoar a boa nova; o judaísmo faz das sinagogas seu centro religioso; no caso do islamismo, as mesquitas cumprem esse papel.

Após a hégira, a ida do profeta Muhammad de Meca para Medina, em 622, no local onde ele colocou a pedra fundamental de sua casa, em Yathrib, surgiria a primeira mesquita chamada de *masjid annabi* (a mesquita do profeta). E Yathrib se tornou Medina, de *Madinat annabi*, a cidade do profeta. Foi em Medina que se estabeleceu a oração da sexta-feira, dia sagrado em que os muçulmanos lotam as mesquitas para rezar e ouvir o discurso tradicional de reflexão. Em Medina também se determinou a direção (*qibla*) da prece. Até hoje, muçulmanos do mundo inteiro devem se voltar para Meca quando rezam.²⁰

A mesquita, porém, vai além de um lugar estritamente dedicado aos rituais sagrados. Seu espaço também cumpre uma função social. Se às sextas-feiras o local fica repleto de fiéis que se acomodam por todo local para ouvir as palavras do xeque, durante toda semana, ainda que reduzidamente, o espaço é frequentado por pessoas que encontram amigos, marcam reuniões, ou apenas passam para meditar por alguns momentos.²¹ Mesmo porque, “para os muçulmanos, as rezas podem ser até ao céu aberto, e não necessariamente na mesquita. Só que tem lugares, por exemplo, que tem chuva ou sol forte, aí começaram a construir mesquitas.”²²

²⁰ BIBLIOTECA E CENTRO DE PESQUISA AMÉRICA DO SUL-PAÍSES ÁRABES. *Islã: Arte e Civilização*, op. cit., 2011.

²¹ De acordo com Hayek, a palavra *Sheikh* (grafia inglesa), Cheikh, Cheique ou xeque (grafia portuguesa), vem do árabe e significa “idoso”. Foi adotada como título por muçulmanos e não muçulmanos árabes, como sinal de respeito. Posteriormente foi adotada para designar o teólogo muçulmano que oficia as orações nas mesquitas.

²² MOHAMED, entrevistado em 21 fev. 2011.

Em árabe, mesquita diz-se *masjid* ou *jámi*. O primeiro termo significa ‘lugar de prostração’, em referência a um dos movimentos característicos da oração islâmica. O segundo quer dizer ‘local que agrega, de reunião’ e traduz a função mais ampla dos templos. De fato, a mesquita tornou-se um centro de congregação, aliada à prece. Embora decoradas com caligrafias e ornamentos, as mesquitas não possuem imagens de Muhammad ou de qualquer profeta, pois, para os muçulmanos, não há intermediários entre o ser humano e seu Criador, e teme-se que a representação de elementos figurativos de seres humanos, além de ser vista como uma forma de imitar a criação divina, possa gerar uma adoração a profetas ou outras figuras religiosas.²³

Inserida em toda essa riqueza artística encontram-se alguns elementos fundamentais para a concepção da Mesquita: o minarete, o *minbar* e o *mihrab*.

O minarete é o ponto mais alto da mesquita, porém, não se trata de uma busca babélica por Deus. Sua função primordial é dar condições ao almuadem para chamar a população à reza, além de ter uma função decorativa. Mas com os adventos da tecnologia e o crescimento das cidades, torna-se estritamente decorativo, especialmente em locais tomados pelo barulho característico das grandes metrópoles. O *minbar* consiste em um tipo de púlpito de onde serão proferidos os ensinamentos, as palavras de reflexão, a pregação. O *mihrab* é um nicho que determina a direção (*qibla*) a ser realizada a reza. É o elemento mais importante, pois para cumprir a determinação das rezas diárias, o fiel deve estar direcionado à Meca.

²³ BIBLIOTECA E CENTRO DE PESQUISA AMÉRICA DO SUL-PAÍSES ÁRABES. *Islã: Arte e Civilização*, op. cit., 2011.

Nos tempos do Profeta, meados do século VII, impossibilitados de saber qual a direção correta, baseavam-se nos primeiros companheiros e sucessores de Mohammad. Com o desenvolvimento das ciências matemáticas,

[...] novos métodos sofisticados foram criados para calcular a *qibla* com base nas coordenadas geográficas de qualquer localidade e de Meca. A maioria dos manuais astronômicos continha capítulos sobre como encontrar a direção de Meca. Foram redigidos tratados específicos sobre o tema, que indicavam como obter a *qibla*. Um dos instrumentos que atingiram um alto grau de desenvolvimento em função dos avanços da astronomia foi o astrolábio.²⁴

Outros elementos importantes – determinados por norma – presentes na estrutura da mesquita são o pátio e uma fonte, que os fiéis utilizam para fazer suas abluções rituais antes das orações.

Em geral, a fonte é abrigada por uma pequena cúpula, na forma de um baldaquim. O pátio com uma fonte central, donde partem quatro canais que irrigam o jardim interior, são projetados à semelhança do Paraíso, conforme passagem corânica que descreve os jardins da Beatitude, a morada das virgens celestiais, de onde jorram fontes, uma ou duas em cada jardim.²⁵

Essa disposição do pátio, no entanto, não é uma regra; pode variar de acordo com o espaço disponível e de acordo com as condições da comunidade que constrói a mesquita. Assim como a estética externa que, diferentemente das igrejas cujo modelo parece padronizado, as mesquitas nunca são iguais umas às

²⁴ BIBLIOTECA E CENTRO DE PESQUISA AMÉRICA DO SUL-PAÍSES ÁRABES. *Islã: Arte e Civilização*, op. cit., 2011.

²⁵ BIBLIOTECA E CENTRO DE PESQUISA AMÉRICA DO SUL-PAÍSES ÁRABES. *Islã: Arte e Civilização*, op. cit., 2011.

outras. É possível encontrar mesquitas dos mais variados portes, com diferentes estilos, que variam de acordo com o local, e quantidade de minaretes.

A mesquita não tem um estilo, ou padrão [...]. Tudo que você vê de diferença entre uma mesquita e outra, é de acordo com as condições das pessoas que constroem a mesquita. O mais importante em todas as mesquitas, em todas elas, [...] é o *mihrab*, que indica a direção a Meca, o mais importante da mesquita é isso.²⁶

A Mesquita Brasil

Quando os primeiros imigrantes muçulmanos começaram a chegar no Brasil, seu reduzido número foi o primeiro obstáculo para manter atuante sua fé islâmica. Por mais que a relação do fiel seja diretamente com o divino, devendo somente a Ele suas orações, práticas e fé, não se pode negar que são as relações sociais que fortalecem o ritual. Diariamente, as orações são realizadas independentemente do lugar, ou mesmo da companhia, mas é na sexta-feira que essa devoção ganha a força do coletivo, quando, reunidos, os muçulmanos enchem as mesquitas para ouvir as sábias palavras do xeque, para compartilhar suas impressões, conversar e reencontrar amigos.

Os primeiros árabes a cruzar o oceano e apostar tudo em uma nova vida, em novas terras, eram cristãos maronitas. A chegada dos muçulmanos foi gradativa e pouco numerosa. Nas primeiras décadas do século XX, esse número, apesar de ser baixo na cidade

²⁶ MOHAMED, entrevistado em 21 fev. 2011.

de São Paulo, foi suficiente para constituir a Sociedade Beneficente Muçulmana de São Paulo, que conseguiu estabelecer, apesar de modesta - algo em torno de “mais ou menos uns 5m x 10m, 50m²” –,²⁷ “a primeira Mesquita da América Latina [que] foi inaugurada em 1929 na Rua da Moóca”,²⁸ de forma que os fiéis podiam se encontrar às sextas-feiras. Curiosamente, apesar de o maior número de muçulmanos ser de sírio-libaneses, ela teve como fomentadores um grupo de palestinos.²⁹

Mais e mais imigrantes muçulmanos desembarcaram no porto de Santos, obrigando a comunidade a procurar um espaço que pudesse abrigar os que chegaram. “Até 1956, não havia [...] uma mesquita grande e com características de mesquita. Então chegou o primeiro xeque, em 1956, [que] incentivou a comunidade a começar a construir uma mesquita propriamente dita.”³⁰

A mesquita começou a ser construída em 1929 e foi ampliada e reformada em estilo ‘neomameluco’ em 1956. O exterior do edifício branco com um alto minarete e o seu interior decorado com painéis pintados com arabescos característicos das estampas egípcias evocam a arquitetura religiosa do Oriente Médio contemporâneo, assim como um passado imaginário da ‘época de ouro’ do Islã.³¹

²⁷ HAYEK, entrevistado em 29 ago. 2009.

²⁸ MESQUITA BRASIL. São Paulo. Disponível em: <<http://www.mesquitabrasil.com.br>>. Acesso em: 8 mar. 2011.

²⁹ Hayek destaca “um médico palestino, da família Kadura.” HAYEK, entrevistado em 29 ago. 2009.

³⁰ Idem.

³¹ PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. Ritual, etnicidade e identidade religiosa nas comunidades muçulmanas no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 228-250, set./nov. 2005, p. 237. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/17-pinto.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2009.

O local escolhido foi um terreno que a comunidade já possuía, onde hoje é a Avenida do Estado, mas que originalmente não era reservado para esse fim. A necessidade de um espaço maior - uma preocupação já existente -, o estímulo do xeque aliado às contribuições e esforços da comunidade, possibilitaram que aquela pequena mesquita fosse transferida para o novo local, muito mais espaçoso.

Desde então, todo aquele que percorresse a região central da cidade se depararia com a Mesquita Brasil. Igualmente, os muçulmanos teriam um novo local para realizar seus ritos. Seu prédio branco, seus arabescos, sua abóboda e seus dois minaretes, a partir de então, tornaram-se parte da paisagem central da cidade de São Paulo. Esse local invadiu o imaginário da população, que pôde abrigar seus fiéis em um espaço mais amplo. Outras mesquitas foram construídas em diversos pontos da cidade, como na região do Brás, de São Miguel e de Santo Amaro, cada uma com suas peculiaridades, distinções e características. Cada uma delas é única, mas todas trazem em si o significado das leis islâmicas e da arte tão atrelada à sua história.

O número de muçulmanos no Brasil, em comparação às outras religiões, é muito baixo, mas suficiente para se fazer notar. A inauguração de uma mesquita propriamente dita na década de 1950 é um demonstrativo de que essa presença, apesar de pequena, é significativa. No entanto, a partir de 11 de setembro de 2001, quando o *World Trade Center*, em Nova York, foi atacado, o muçulmano - e igualmente a mesquita - passou a ter maior destaque no mundo com

as frequentes e preconceituosas associações com atos terroristas. É preciso compreender, porém, que a figura da mesquita está além dessas interpretações convencionais. Ela está vinculada ao processo histórico e cultural islâmico, à relação do fiel com seus ritos religiosos e importância social, à história da imigração muçulmana, e à história da cidade de São Paulo propriamente dita, onde, mesmo a crescente e impetuosa verticalização urbana não ofuscou essa majestosa e peculiar estrutura.

Mais do que uma estrutura religiosa, portanto, a mesquita, quando estabelecida em uma cidade como São Paulo, torna-se um elo com o passado. Distantes da cultura ancestral, frequentá-la é estabelecer contato com o divino e com elementos culturais de uma distante terra natal.

Considerações finais

É certo que o estabelecimento de imigrantes muçulmanos no Brasil é sinal de que o país lhe foi acolhedor. A busca por melhorias na condição de vida se encerra onde há equilíbrio entre a possibilidade de trabalho e a liberdade de ser – apesar de nem sempre ser possível. Pelo menos é o que o imigrante pode almejar diante de uma realidade adversa em sua terra natal. No entanto, não há unanimidade por parte da população que os acolhe. Fatores como o preconceito e a discriminação são reais e determinantes na formação de estigmas e estereótipos, especialmente quando, de forma geral, as informações que os meios de comunicação transmitem sobre os muçulmanos os

vinculam a atos terroristas. Tendo em vista nosso profundo preconceito em relação a tudo aquilo que não entendemos – e que por muitas vezes fazemos questão de não entender –, é possível compreender a razão de existir olhares desconfiados, ou mesmos inquisitórios sobre as mesquitas.³² Longe de ser justificável, porém, esse julgamento deve ser revisto em nome desse bem precioso a que todo ser humano anseia: o direito à diferença.

Quando a cultura é utilizada como argumento para justificar – ou legitimar – uma pretensa superioridade, o ser humano perde um pouco de sua humanidade. Pode-se afirmar que a beleza cede lugar à cegueira. Por sua vez, a alteridade, que possibilitaria enriquecimento humano e uma maior compreensão de si mesmo, é desperdiçada em momentos de torpeza, baseados no preconceito, cujo alicerce está em areia movediça.

É preciso que a negação não seja instrumento em prol do esquecimento, pois somos herdeiros, inegavelmente, da cultura árabe, e de muitos conhecimentos perpetuados pelos muçulmanos. O olhar orientalista e etnocêntrico ignora esses fatos e gera mais desinformação.³³ É perfeitamente possível admirar toda beleza existente em

³² Samir El Hayek dá o exemplo de uma mulher que trabalhou na escola anexada à mesquita de Santo Amaro. Nas suas palavras: “olha, eu vou lhe confessar. Eu passava aqui de ônibus com meus filhos e falava pros meus filhos assim: aqui se adora o diabo.” HAYEK, entrevistado em 29 ago. 2009.

³³ SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 chama de orientalismo a visão que o ocidente tem do oriente: preconceituosa, fantasiosa, uma invenção.

uma mesquita sem que para isso seja necessária uma conversão. A beleza não é restrita ao fiel da crença em questão, mas livre a todos os olhares, com exceção àquele que prefere negá-la.

A fé do muçulmano não deve ser associada à arte, mas inevitavelmente a arte está associada à mesquita, e a mesquita, por sua vez, à cidade. São Paulo, como poucos lugares no mundo, possui uma paisagem das mais diversas. Um passeio pela cidade é um vislumbre de cada canto do planeta, de cada cultura. Nessa imensa metrópole, está a mesquita, mais um elemento integrado a essa grande riqueza paulistana, a qual o observador mais atento não deixa de notar, e tampouco o que caminha inerte.

Referências Bibliográficas

BIBLIOTECA E CENTRO DE PESQUISA AMÉRICA DO SUL-PAÍSES ÁRABES. *Islã: Arte e Civilização*. Exposição em cartaz entre os dias 18 de janeiro e 27 de março de 2011. Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, SP. 2011. 1 folder. Apoio Banco do Brasil.

BURCKHARDT, Titus. *A arte sagrada no oriente e no ocidente*. São Paulo: Attar, 2004.

Entrevista realizada pelo autor com Hosney Mahmoud Mohamed, relações públicas da Mesquita Brasil, no dia 21 de fevereiro de 2011 na Mesquita Brasil, localizada à Avenida do Estado, 5382.

Entrevista realizada pelo autor com Samir El Hayek, tradutor e professor, no dia 29 de agosto de 2009 na Mesquita de Santo Amaro, localizada à Rua Yervant Kissajikian, 106.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados & mucambos*. 16. ed. São Paulo: Global, 2006.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. *Observando o Islã*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

HARTMANN, Arturo. Para arquiteto, influência árabe na renascença não é reconhecida. Entrevista com o arquiteto Andrea Piccini. *Instituto da Cultura Árabe*. São Paulo, ago. 2005. Disponível em: <<http://icarabe.org.br/entrevistas/para-arquiteto-influencia-arabe-na-renascenca-nao-e-reconhecida>>. Acesso em: 30 nov. 2010.

MAGALDI, Cássia Regina Carvalho de. *Condicionantes culturais árabes na Salvador dos séculos XVII e XVIII*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica (PUCSP), São Paulo, 1996.

MANDEL, Gabriele. *Como reconhecer a arte islâmica*. Lisboa: Edições 70, 1989.

MESQUITA BRASIL. São Paulo. Disponível em: <<http://www.mesquitabrasil.com.br>>. Acesso em: 8 mar. 2011.

NAKASHIMA, Henry Albert Yukio. Tassamuh – O islamismo em São Paulo na segunda metade do século XX. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, ano III, n. 7, maio 2010. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. Ritual, etnicidade e identidade religiosa nas comunidades muçulmanas no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 228-250, set./nov. 2005. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/17-pinto.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2009.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Recebido em 15 de junho de 2011; aprovado em 8 de dezembro de 2011.